N.º 3.

COM PRIVI- LEGIO REAL.

Anno 1754.

O ANONYMO

Repartido pelas semanas, para divertimento, e utilidade do publico.

Da Sabedoria.

HUMA das couzas que mais provoca ao rizo, e ao mesmo tempo inspira a reflexaõ, he ver, e observar certos genios, que inchados pela sua vaidade, e pela força da sua propria imaginaçaõ se querem sempre distinguir como sabios, e ser escutados como oraculos, porque se persuadem que cada

palavra que proferem he huma ſentença, e que cada diſcurſo que fazem he huma quinta eſſencia do mais ſolido, e mais dilatado raciocinio. Algumas vezes que me encontro com hum deſtes eſpiritos, aſſim que aparece nunca o perco de viſta, para examinar com attenſam, atè donde chegam os effeitos da ſua vaidoſa prezumpçaõ, e quaſi ſempre reparo em que comprimenta poucos, fala ſò com alguns, e quaſi ſobre poſſe, e immediatamente buſca o melhor lugar, que de ordinario he entre as Damas, que como mais credulas lhe formam hum viſtozo auditorio, e logo principia a eſpalhar entre aquella agradavel tropa de pareiaes, hum numero infinito de Decizoens, repartindo como por favor o ouro das ſuas palavras. Hum deſtes genios bem pode ſer rico, bem inſtruido; e cheyo daquellas prendas que adquiridas pelo eſtudo, e pelo exercicio fazem hum homem civil, mas de ordinario ſe acham nelle tam arruinados eſtes principios da boa educaçaõ pela vaidade que concebe da ſua grande ſabedoria, que parecem mortos em hum corpo vivo, ou que ſòmente os contempla a imaginaçaõ como paſſados no immovel ſimulacro da vaidade, e he pena que entendo acompanha hum deſtes, naõ ter exiſtido no tempo do Paganiſmo, porque cuido faria toda a boa deligencia para que conſtruindo-ſe algum Templo, foſſe a ſua Eſtatua ainda que tenue, e breve, a quem ſe dedicaſſem os cultos exceſſivos, e agigantados. Iſto que repetidas vezes obſervo, me faz lembrar dizer alguma couza ſobre o argumento da ſabedoria, para dezenganar o vulgo ignorante, moſtrando que naõ ha no mundo quem inteiramente a poſſua, e que he fatuidade reprehenſivel haver quem imagine, e ſe deſvaneça que tem eſte dom completo.

Mas

Mas por donde darey principio a eſte aſumpto da ſabedoria? Se quero principiar pela conſideraçaõ do ſeu nome, como ordinariamente fazem os Filoſofos, acho que o toma (aſſim Divina como he) das couzas ſenſiveis, e materiaes. E S. Bernardo eſpecificou que o goſto, e os ſabores ſaõ os primitivos authores da ſua denominaçaõ. Se quero deixar eſte principio, e diſcorrer pelo da ſua difiniçaõ, eſta nos naõ pode inſtruir melhor, porque della ainda ſe naõ tem concordado qual he o verdadeiro Sabio que ella deve, ou pòde formar. A ſabedoria, como diz o Orador Romano no primeiro livro das obrigaçoens da vida, he a ciencia naõ ſómente das couzas Divinas, e humanas, mas tambem de todas as cauzas de que ellas dependem; ſejame licito referir pelas ſuas proprias palavras a authoridade deſte grande orador, porque pode ſer que eſtes papeis vaõ parar por a cazo as maõs, de quem entende muito bem a lingoa em que elle fallou; *Sapientia eſt rerum divinarum, & humanarum, cauſarumque, quibus hæres continentur ſcientia.* E quem he o que póde ter eſta perfeita luz, das couzas divinas, e humanas, com o conhecimento das cauzas que as produzem? E aonde ſe acharà hum eſpirito, que ſe poſſa com razaõ deſvanecer de poder penetrar até donde he precizo chegar, para eſtabelecer ſobre taes fundamentos eſta pertendida ciencia? Certamente ſó poſſue huma conhecida vaidade, e preſumpçaõ quem pertende moſtrar que a chega a poſſuir. O Sabio dos Eſtoicos he diſto huma prova manifeſta, como deſcreve. Horacio:

Si dives qui ſapiens eſt, Et ſutor bonus, &
Solus formoſus, & eſt Rex.

He isto huma fantasma taõ medonha, e taõ grotesca, que a imaginaçaõ mais fina, e mais apurada a naõ pode deixar de conceber como huma extravagancia qualificada; porque naõ possue sómente as boas qualidades que acabo de referir nos sobreditos termos latinos, mas ainda seria mais perfeito que todos os Deozes que admittia a sua Religiaõ, exceptuando Jupiter, e tambem o excederia nisto, em que Jupiter tinha por sua propria natureza todas as ventagens com que se considerava, e elle as tinha adquirido por sua propria industria, sem ser inferior em couza alguma (excepto na immortalidade) a este Deos supremo do gentilismo, a quem tinhaõ obrigaçaõ de reconhecer. Mas naõ foraõ só os Estoicos, que cahiraõ neste prodigiozo delirio, ainda que elles foraõ sim os que os levaraõ mais lonje, que todos os outros Filosofos Paganos, Porque Antistenes, fundador da seita cynica, sustenta como os outros em Diogones Laercio, que todos os bens que os mais homens possuem pertencem de direito ao que he sabio, *Sapientis esse quæ cæterorum sunt omnia*. O outro Diogenes da mesma familia, e a quem a sua pipa fez tam celebre no mundo, quer que o seu sabio reconheça sómente as couzas dignas de serem amadas, alem de o fazer de tal sorte impeccavel, que segundo o seu conceito, ainda o mesmo sacrilegio se lhe naõ deve imputar como crime. Supposto que esta invectiva naõ deixa de entrar na classe das muitas irregulares que nos deixou escriptas, e concorda muito com a outra de Theodoro chamado o Atheo, que se acha escripta em Hesychio Illustrio, a qual por ser alguma couza indecente julgo naõ ser conveniente expola ao vulgo, e ao commum, em quem de ordinario falta

o

o bom senso, ainda que a refere hum Author grave, e de boa nota, e só direy em summa, que aquelle Filosofo entendia que a prohibiçaõ de muitas couzas dependia mais da oppiniaõ popular, do que da sua propria natureza, e para os que entendem latim refiro as suas proprias palavras: *Sapiens furto, adulterio, sacrilegioque deditus erit, ex usu temporis, horum enim nihil natura turpe, si tollas popularem de his oppinionem, quæ ad continendum in officio vulgus hominum recepta est.*

Os mesmos Estoicos foraõ tambem favorecidos por Epicuro no atributo que davaõ ao seu sabio, de que naõ podia deixar de o ser, depois de ter huma vez adquirido a sabedoria; assim o refere o texto do que lhe escreveo a vida: *Eum qui semel fuerit sapiens, in contrarium habitum transire non posse.* Mas sem particulariar mais todas as qualidades de hum sabio fantastico, nada me parece mais absurdo, que a razaõ em que se fundaõ para sustentar que nisto naõ entra nada de Chimerico, e que o Mundo nunca esteve sem hum sabio tal, como elles o reprezentaõ, porque o bem deste universo quis que a idea que tenhaõ se realizavasse em alguma de suas partes. Seneca assim o defendeo, como Estoico, em diversos lugares, e especialmente no setimo, e ultimo capitulo do livro da constancia do sabio, intitulado por alguns o segundo livro da tranquilidade da alma. Mas ainda que este grande Filosofo diga, que a condiçaõ da nossa humana natureza, e o bem deste mundo requeiraõ que se ache sempre hum homem taõ Ptereoclito como o sabio que elle pertende, posso contra elle argumentar por tudo o que se vê no mundo, e por tudo o que experimentamos, e comprehendemos

da

da noſſa fraca natureza, que ella nunca produzio, nem poderá produzir em tempo algum nada que iguale as perfeiçoens de que elle reveſte eſte ſimulacro da virtude. Que couza ha no mundo mais tenue, e mais fraca que o homem por qualquer principio que ſe conſidere? He a noſſa vida, ſegundo a reprezenta Democrito a Hypocrates, huma enfermidade continuada, e complicada a reſpeito das duas partes que cõſtituem o noſſo todo, por cauza da ſua eſtreita, e intima uniaõ. E naõ ſe podendo duvidar de que iſto aſſim he, de que Elementos ſe pode dizer ſe compoem aquelle ſabio inalteravel, e que couza ſe pode conſervar ſempre firme ſobre o cubo em q̃ ſe achar hũa vez colocada? Certamente deſcubro hum grande vacuo em todas as razões que pertendem eſtabelecer o contrario, e ſe foſſe neceſſario inſiſtir mais contra ellas, ainda ſe pode achar muito mayor contradiçaõ. Mas ainda q̃ cuido naõ ha muita neceſſidade de inſiſtir niſto para o convencimento da verdade, vamos adiantando mais o diſcurſo ainda q̃ naõ ſeja ſe naõ para encher a folha, e acabe adonde acabar. Os meſmos Eſtoicos difinirãõ em infinitos lugares, o ſeu ſabio por hum homem de todas as horas. Eſtabeleceraõ muitas vezes por axioma conſtante, que naõ havia quem foſſe prudente, e avizado em todas as occaſioens: *nemo omnibus horis ſapit*, como diſſe, Plinio. Aſſim ſem dificuldade reſulta que aquelle homem de todas as horas ſe naõ póde realizar como pertendem, e que naõ póde ſer concebido ſe naõ como huma fantaſma da imaginaçaõ, ou como huma cruz rozada de que quiz abuzar a credalidade dos mais ſimples. E na verdade naõ ha mais que a verdadeira Religiaõ que nos poſſa ſufficientemente informar no que conſiſte, ou

deve

deve consistir toda a nossa sabedoria, e instruir, e ensinar até donde ella em fim se deve encaminhar; porque Job instruido muito bem nesta escola, ensina que sómente a crença de Deos he que a communica apartando-nos do vicio. *Timor Domini ipsa est sapientia, & recedere à malo intelligentia.* David o confirma, chamando a esta crença, a porta, ou o principio de toda a sabedoria: *initium sapientiæ timor Domini.* E seu filho Salomaõ nos representa em o seu Ecclesiastico homens velhos, coroados com huma siencia unida à crença de Deos; *Corona senum multa peritia, & gloria illorum timor Dei.* Esta sem duvida deve ser a razaõ porque o Ecclesiastes profere livremente, que a verdadeira sabedoria nunca entra em hũa alma preversa, nem naquelles a quem tem subjugado o vicio: *in malevolam animam non intrabit sapientia, nec habitabit in corpore subdito peccatis.* E na verdade hela sabedoria hum Dom do Ceo, com que gratifica, e premea aquelles a quem quer encher de felicidade, mas verdadeiramente poucos a recebem, como Salomaõ, dormindo; ou para melhor dizer foi o unico a quem se concedeo por este modo, porque vemos do mesmo lugar em que se acha escripto este milagre, que nem antes, nem depois delle se vio no mundo outro semelhante, *ante, nec post eum similis non surrexit.* E assim acabo, porque tambem já o papel está no fim, aplicando para aquelles espiritos cheyos de vaidade, e prezumpçam que entendem se acham possuindo huma sabedoria incontrastavel, com o documento que o mesmo sabio Rey Salomam nos deixou escripto em seus proverbios, que nam basta conhecer a sabedoria, porque isto naõ he mais que saber simplesmente a sua primeira parte

mas

mas que devemos ao meſmo tempo fazer toda a diligencia para eſta ſe poſſuir com todas as ſuas qualidades inſeparaveis, ſem deſvanecimento, ſem preſumpçaõ, e com prudencia: *principium ſapientiæ poſſide ſapientiam, & in omni poſſeſſione tua acquire prudentiam.*

O certo he que a prudencia he hum grande ſinal diagnoſtico para ſe conhecer a ſabedoria, pois eſtas duas couzas ordinariamente paſſam como ſynonymas, tanto no uzo commum de falar, como em muitos lugares da ſagrada Eſcriptura; e aſſim devemos confeſſar que naõ he o meſmo ſer rico, que ſabio; antes o contrario produzem as riquezas como diz hum proverbio Latino:

Fortuna quem nimium fovet ſtultum facit.

E que ſem a prudencia nem ha ſabedoria, nem valem nada as riquezas; e para dezengano deſtes ricos preſumptuozos, e ignorantes, porque lhe falta a prudencia, lhe offereço eſtes quatro verſinhos, que bem expreſſam o caracter que merecem no mundo civil:

Sint tibi divitiæ, ſit larga, & munda ſuppellex.
Eſſe tamen vel ſic beſtia magna potes.
Nam quidquid fueris, niſi ſit prudentia tecum,
Magna quidem dico beſtia ſemper eris.

LISBOA:
Na Officina de Pedro Ferreira, Impreſſor da Auguſtiſſima Rainha Noſſa Senhora.